

Eric da Silva - Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – IEL - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

AGÊNCIA FINANCIADORA: PIBIC/ CNPq

Palavras-chave: surdez, escrita

INTRODUÇÃO

A partir do parâmetro B (41-55Db – Surdez Moderada) do decreto 3.298 de 20 de Dezembro de 1999, que estabelece níveis para a perda auditiva, há perda congênita ou adquirida suficiente para que a voz humana encontre obstáculos para ser a principal forma de recepção de unidades linguísticas audíveis da pessoa surda.

Tomadas as devidas medidas para que o surdo entre em contato com a língua brasileira de sinais (libras), esta será a língua que se desenvolverá naturalmente como principal e completo sistema de comunicação da pessoa surda.

O estudo pretende indicar as causas da divergência da produção escrita dos alunos surdos com relação às expectativas textuais para escolares e produzir reflexões.

Rocha (1999) considera que crianças surdas tendem a organizar fibras neurais que associam informações visuais ao processamento linguístico, relacionando áreas visuais do hemisfério direito às áreas linguísticas no hemisfério esquerdo, o que indica que o caso da surdez não é debilitante à aquisição de linguagem escrita, posicionando surdos e ouvintes em uma condição de igualdade com relação às possibilidades desta aquisição, dados os recursos específicos para que ela ocorra.

A importância da reflexão sobre o ensino do português para o surdo é relevante pela obrigatoriedade do contato dessas pessoas com a língua portuguesa, já que a maioria esmagadora dos ambientes públicos e privados do Brasil utilizam o português como língua, já que o território da língua de sinais é segmentado, encontrado aqui e ali, onde há surdos reunidos.

Além disso, apesar das considerações do Decreto 5626 de 22 de Dezembro de 2005, que regulamenta a Lei 10436 de 24 de Abril de 2002, a formação de professores e intérpretes qualificados para o trabalho com surdos ainda é incipiente e há, ainda, uma consideração final nesta lei de que:

“Parágrafo único: A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.”

METODOLOGIA

A coleta de dados aconteceu no Centro de Estudos e Pesquisa em Reabilitação – Dr. Gabriel O. S. Porto – CEPRE nos atendimentos pedagógicos de leitura e escrita, orientados pela Prof^a Dra. Ivani Rodrigues, e acompanhados pelos professores e intérpretes do centro, sendo o pesquisador deste projeto também intérprete de libras.

Nas ocasiões, as orientações eram dadas em libras e o modelo da atividade foi apresentada em uma folha de redação que continha apenas uma imagem-estímulo (campo de futebol, amigas com cabelos trançados) que deveria ser observada para a construção autônoma de um texto livre.

Entende-se que a sugestão de um texto-base ou coletânea para este caso interferiria no desempenho real do aluno, tendo em vista que a cópia literal de fragmentos de textos foi previamente observada em atividades preliminares.

A análise se baseou em critérios da linguística textual a fim de observar a presença dos recursos de coesão textual para indicar estas presenças, ao invés de denunciar ausências.



Fig. 1: Atendimento pedagógico de leitura e escrita.



Fig. 2: Atendimento pedagógico de leitura e escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta da atividade resultou em textos de diferentes níveis de aquisição da escrita e aponta para as seguintes discussões:

– O surdo atinge domínio dos recursos de produção textual a partir de métodos de orientação em língua de sinais em interação com o texto escrito, e os utiliza no processo de autoria na medida em que estas estratégias são compreendidas;

– A sintaxe da língua de sinais interfere na produção textual do aluno surdo por ser o principal recurso deste autor na gênese da compreensão da escrita e de seu funcionamento;

– A progressão do domínio dos recursos de produção textual como dependente da reflexão do autor sobre o texto produzido.

O que podemos observar progressivamente nos seguintes excertos das produções textuais de autores de 10 a 15 anos:

10a – Um fobol Ele e não cacheiro Eles Elas com vê e a não como eu bolo Gol Xelono São Gol vê com Eles e Elas.

15a - Eu gosto São Paulo muito legal amigas gosto muito.
Meu mãe também São Paulo amor!
pessaor falou GOL!
meu tio falou não gosto São Paulo
muito legal
Eu amor São Paulo.

15a - Eu gosto muito conversar minhas amigas sempre passear junto amigas.

Eu gosto muito estudar muito para aprender depois futuro eu vai procurar o trabalho de veterinária.

Depois eu quer procurar namorado primeiro conversar bastante. Depois começa junto namorado passear shopping

12a - Eu gostaria que minha amiga conversar pelo computador, brincar de voleibol e queimada com minhas amigas e também conversar muito sobre a escola e como foi o computador e passear na lagoas, cinemas e na piscina.

Eu gosto muito de celular e computador e minha matéria preferida é Arte, Português, inglês, ciência e Educação F.

15a - Eu gosto tudo de esporte e eu gosto do Brasil. Então os jogadores não ganhou muito ouro na olimpica e tambem precisa de melhora muito porque precisa fica bem para ganha o ouro, mas o Brasil jogou bem.

O texto dos surdos pode ser encarado como um radar das posições onde cada um deles se encontra no desenvolvimento de língua portuguesa escrita e expõe qual é o ponto de partida que deve ser tomado no estímulo à assimilação de recursos de coesão, coerência, informatividade, recursividade, adequação ao gênero, características do texto, etc.

Essas produções não devem ser tomadas como erradas mas como um momento intermediário estabilizado pelos recursos de construção de texto presentes que pretendem, como visto, desenvolver-se e apresentar-se tal como as formas do uso corrente do português escrito, porém, há de se partir de um ponto real para modificar a materialidade do texto para um novo estágio com a presença e participação do aluno surdo, afinal, assim como a condição de surdez priva o surdo do feedback de sua fala, o papel histórico do professor de surdos tem privado os mesmos das leituras dos textos produzido, com consequentes implicações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perspectiva, a observação da ausência do surdo no processo de reflexão sobre o seu próprio texto reafirma o que historicamente é percebido como um processo de exclusão educacional da pessoa surda tendo como pressupostos visões ignorantes e reducionistas sobre a surdez em quase todo o percurso educacional.

O estudo colabora com o que é apontado por Skliar (1998) como Estudos dos Surdos e se posiciona em uma fronteira entre o que se conhece como Educação Especial que, na visão do autor, gera um subproduto da Educação e uma nova perspectiva em que são considerados discursos, discussões e práticas próprias de outras linhas de pesquisa em educação.

Romper com a dependência representacional com a Educação Especial frente ao reconhecimento das especificidades dos casos indica um passo em direção a uma visão de educação que efetivamente alcança os seus objetivos enquanto patrocinadora de autonomia a todas as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS